

## “O PRAZER É TODO NOSSO”: SEXUALIDADE E SUBJETIVAÇÃO NAS LETRAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA PROSTITUTA

Manuela Cunha Peixinho

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)*  
*manuelapeixinho@yahoo.com.br*

### Resumo

Figura controversa na sociedade, ora vista como vítima de um sistema, ora como a *femme fatale*, a prostituta passa a falar sobre si através de textos autobiográficos, ressignificando suas vivências e se implicando em sua história como sujeito. Nesta perspectiva, este trabalho discute as formas de subjetivação utilizadas na escrita de “O prazer é todo nosso”, destacando o lugar e contornos dados à sexualidade. A autora, Lola Benvenuti, divide sua obra em dois vieses: na primeira parte, são abordadas as negociações situacionais e agenciamentos identitários que precisou realizar com os clientes durante o meretrício; e na segunda parte, trata da sua relação com outros atores sociais, como família, amigos diante de sua escolha em se prostituir. Entende-se aqui a escrita autobiográfica para além de uma verdade, mas antes de tudo, uma representação que o indivíduo faz de si, do outro, considerando também o mercado no qual será publicada sua história. Sendo assim, na sua escrita, Lola revela segredos do instigante mundo do meretrício, rasurando conceitos e rompendo com preconceitos demonstrando que a prostituição é muito mais do que somente sexo e que ser prostituta é apenas uma de suas múltiplas e complexas identidades.

**Palavras-chave:** prostituta, sexualidade, subjetivação, autobiografia.

Observa-se, notoriamente, tanto nas prateleiras das livrarias, quanto nas manifestações das mídias e das artes, o aumento do interesse nas narrativas de indivíduos da margem. Os autores encontram no escrito memorialístico um espaço de dar significação às suas vivências, a partir de seu próprio ponto de vista, não precisando que outro conte a sua história. Atualmente, um dos grupos que mais têm instigado a leitura de suas memórias é o de prostitutas, desvelando o mercado do prazer, do ponto de vista de quem vive ou viveu nele. Entre o eu que escreve suas memórias e um tu que lerá tal texto, há um mercado que media essa relação, a partir da compreensão do campo autobiográfico. Nesse sentido, após a reivindicação de sujeitos da margem por seu lugar na sociedade, na segunda metade do século passado, as autobiografias têm se tornado uma rica fonte de saber e de vendas.

Nesse sentido, este trabalho discute algumas considerações sobre a sexualidade e a subjetivação de si pensada e vivenciada por Lola Benvenuti, em sua autobiografia “O prazer é todo nosso” (BENVENUTTI, 2014). Através da leitura e discussão sobre a vivência da prostituta, a sexualidade reprimida da sociedade via/vê o outro lado, a possibilidade de realizações carnavais para além dos padrões. Claro que nem sempre esse olhar é de admiração, pode ser de repreensão, julgamento; por vezes, são os dois ao mesmo tempo, entre o desejo e a moral. Rago (2008, p. 19) considera que “a preocupação com o sexo está no universo cultural e moral de muitos, senão de

todos. É uma moral imperativa [...] por problematizar a sexualidade feminina, como sexualidade dominada” que deve seguir aos preceitos difundidos pela sociedade patriarcal.

Idilicamente, Foucault considerava que “Deve-se falar em sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito [...] cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar [...]” (FOUCAULT, 1998, p. 30-1). O que efetivamente acontece, todavia, vai na contramão da perspectiva *foucaultiana*. Por mais permissiva que a sociedade aparente, a sexualidade ainda é usada como forma de regulação dos corpos, da mulher, do indivíduo. Entende-se a sexualidade como sistema histórico abeto e complexo de poder, em que a categoria sexo emerge como forma de perpetuar relações de poder a partir da regulação da vida social e individual. Foucault (1998) considera que a sociedade tentou/tenta limitar a sexualidade ao casal através de dispositivos de saturação sexual, sendo o indivíduo heterossexual e legitimado pelo matrimônio. A sexualidade é múltipla: na idade, na fixação de gostos, no investimento no relacionamento, nos espaços que habitam etc. O crescimento das perversões (o fora da lei) é o resultado da real interferência de um tipo de poder sobre os corpos, por isso, a sociedade vai definindo novas regras nesse jogo.

Nesse contexto, a imagem da meretriz surge como subversora dessa regulação, ela emana uma independência sexual fora dos limites morais, por aliar dinheiro e sexo, enquanto que, o primeiro está associado a bens materiais e o segundo mais próximo a não materiais (seja ele o prazer, amor etc.). Ou então, a figura da prostituta reflete uma vitimização de si, enquanto uma “mercadoria” explorada pela sociedade capitalista. Sob uma ótica ou sob a outra, a garota de programa desperta interesse das pessoas de uma maneira geral, agora, inclusive, para a leitura de sua história.

Eurídice Figueiredo (2013, p. 83) ressaltou que: “ao cabo desse processo de desnudamento interior, a mulher que escreve acaba descobrindo uma identidade própria – ainda frágil, talvez, mas decidida a lutar em favor de sua realização”. Por isto, registrar sua história é uma maneira de repensar nas vivências e representá-las através da linguagem. Claro que não se pode homogeneizar todas as narrativas memorialísticas produzidas por pessoas do sexo feminino, como se elas pertencessem a uma confraria engessada. Cada uma possui uma trajetória singular, apesar de terem vivido, por vezes, o mesmo contexto cultural, o mesmo espaço social, ou ainda a mesma ocupação.

O sujeito contemporâneo nem representa valores dos grupos dominantes (como até o século XVII), nem se destaca apenas pela sua subjetividade individual (como no período moderno). Hoje, emerge o sujeito espetacularizado, performático. Pode-se entender performance como construção

dramática e de contingente de sentido (BUTLER, 2012). Não há plenitude nesse ínterim; na performance, há uma teatralização. A performance varia de acordo com o tempo, lugar, finalidade, ação do locutor e recepção. Assim, ela é prática, logo, refere-se à realização; além disso, encontra-se em um contexto cultural e situacional e está ligada a acontecimentos orais e gestuais (ZUMTHOR, 2007).

Um interessante exemplo para ilustrar a performatização é a entrevista de Lola Benvenuti, feita pelo jornalista Amon Borges (2015), ao jornal *Folha de São Paulo*, em setembro de 2014. Na matéria, primeiramente há uma seleção de fotos da autora de *lingerie* em uma cama, abaixo, um pequeno texto sobre quem é Lola e um breve sobre sua autobiografia, seguindo, há mais fotos da autora, por fim, há a entrevista. Ao perguntar como seria o anúncio de seus serviços, ela responde: “Elegância e inteligência, impetuosidade e audácia. Prazer desejado por muitos. Exclusividade para poucos. Permita-se”. Inicia-se a construção de uma figura pautada em qualidades, posteriormente posta como uma espécie de prêmio, pois só alguns poderão tê-la.

Outra pergunta instigante foi como ela lida com a comparação com Bruna Surfistinha, tendo em vista que ambas começaram com um *blog*: “Não enumero simplesmente meus programas. E eu escolhi a prostituição porque gosto. Eu já estava quase formada, já morava sozinha, era esclarecida, de uma família boa, não me revoltei com nada, não usava drogas...”. Nesta fala, atença tanto o leitor que já leu a narrativa de Surfistinha, para realmente compará-la, bem como desmistifica a vitimização frequente da prostituição. Assim, entrevistas, aparições na mídia, além dos elementos do texto, criam imagens dessas autoras, de acordo com o projeto criado por elas (e seus editores). Não se pode perder de vista que o grupo do jornal também possui uma livraria, na qual são vendidos parte dos textos em análise. As fotografias de Lola Benvenuti são estratégias que “humanizam” (e vendem) os relatos das memórias, deixando marcas que criam uma imagem para ela, ao passo que fomentam o desejo por saber mais sobre essa mulher.

No imaginário social, há, muitas vezes, uma hipérbole do desejo sexual da prostituta, fato que em vários discursos nas autobiografias de prostitutas não se percebe como verdadeiro, como ao relatar situações com clientes, com os quais não se tinha nenhum desejo. Considerar exacerbada a sexualidade da garota de programa é também uma das formas de a segregar, como se não fosse uma mulher comum, como se a libido a transformasse em meretriz; diferente das moças de família.

Sobre o imaginário da prostituição, que comumente constrói representações depreciativas do trabalho e das trabalhadoras do sexo, antes da entrada no meretrício, Lola Benvenuti, *glamurizava* o ofício: “[...] o universo da prostituição representava, em meu ideário, luxúria, *glamour*, poder e

transgressão. Além disso, são muitas formas de potencializar o prazer no âmbito sexual e eu gosto de conhecer novas coisas novas e estimulantes” (BENVENUTTI, 2014, p. 177). Nesta perspectiva, o enfoque dado era uma possível liberdade sexual que desenvolveria sua sexualidade de maneira diferente caso seguisse as normas sociais e morais vigentes.

Ao longo seu escrito memorialístico, muito comum também são as considerações sobre a sexualidade (sua e de seus clientes), através de digressões, por vezes com um tom reflexivo sobre si, outras tantas com nuance professoral. O primeiro caso pode ser ilustrado na seguinte passagem: “Tocar-se ainda é um tabu para a maioria das mulheres, e para parte dos homens também, o que é, para mim, um desperdício de uma porção enorme de sensações e prazeres acessíveis a todos. Eu sempre estou em busca de novas experiências, assim descobri a massagem tântrica” (BENVENUTTI, 2014, p.47). Neste fragmento, a autora reflete sobre a masturbação enquanto uma espécie de interdição, ao passo que repensa seu lugar nesta discussão. Além disso, são recorrentes digressões explicativas sobre o sexo e a sexualidade, como nas duas primeiras páginas do capítulo *O universo do BDSM e dos fetiches*, em que explana primeiro sobre conceitos de fetiche, passando a explicar que BDSM significa *Bondage*, *Disciplina* e *Dominação*, *Submissão* e *Sadismo*, e *Masochismo*, bem como nomenclaturas usadas neste tipo de prática, como *slave* (escravo), o uso de palavras de segurança etc.

Outras passagens são salientadas com um tom professoral, como na orelha do livro que, de um lado, traz uma citação, na qual se inicia falando de como a vida sexual rotineira nega a sexualidade inata ao ser humano. Discute-se, em seguida, sobre esta sexualidade, culminando na importância de se eximir preconceitos também neste quesito. Do outro lado da orelha, tem-se uma fotografia da autora segurando um livro na mão, deitada de bruços (com o foco no rosto e no colo), com tatuagens no braço e dedo, um semblante quase angelical, contrastando com os outros elementos para-textuais. Abaixo, destaca que Lola, nome criado por Gabriela Natalia da Silva para “se aventurar no universo das práticas sexuais”, reivindica o direito à liberdade sexual. Por fim, ressalta o seu gosto pela leitura e seu histórico acadêmico na área de Letras na Universidade Federal de São Carlos; além disso, encerra pontuando que a autora escolheu ser prostituta porque gosta, contradizendo diversos discursos vitimizadores, muitas vezes, sobre a entrada no meretrício. O limiar entre a vitimização e a representação de mulher fatal é a questão da escolha. Há, na prostituição, segundo Susana Rostagnol (2000, p. 99), um “intercâmbio livre entre a prostituta e o cliente, portanto equipara o contrato da prostituição a um contrato empregatício”. Sendo assim, a degradação moral agregada à imagem da meretriz é uma construção social.

Por outro lado, a imagem de poder que a prostituição exerce, para alguns, é uma visão romantizada, como se a meretriz fosse a *femme fatale*, que faz o instinto prevalecer a razão. Essa representação mobiliza o imaginário tanto feminino, quanto masculino. Para não fomentar e reprimir a prática da prostituição em busca de uma liberdade financeira e sexual da mulher, foi necessário que a sociedade atrelasse a imagem da prostituta à escória social. Então, ela era (e ainda é) vista como mais uma mercadoria comercializada pelo capitalismo, representante da degradação humana, sua relação com o freguês era de objeto-cliente.

A clientela das prostitutas é uma das principais razões que fomentam a prática da prostituição, afinal não existe oferta sem procura, não adiantaria oferecer serviços que não fossem desejosos. Entretanto, na maioria das vezes, os clientes são esquecidos (ou velados) quando se criticam a meretriz ou os bordéis, afinal, os fregueses são, em grande parte, homens que transitam entre o mundo do prazer e o “social”, se assim alguns dividem. Policiais, médicos, juízes, advogados, políticos e outros, com recorrência, enquanto estão assumindo seus lugares de profissionais discriminam e repudiam as prostitutas, paradoxalmente, outras tantas vezes, camuflados pelas noites, encontram nesse espaço que execram a realização de seus desejos sexuais ou emocionais. Não se pode desconsiderar, porém, que a prostituição não se relaciona apenas com a prática do sexo. Conversas, passeios para outros espaços, demarcação de poder estão envolvidos no pagamento de um programa.

Relações tensas e multifacetadas estabeleciam-se entre fregueses e prostitutas, incluindo desde os momentos em que estas odiavam aqueles, desejando que o ato sexual acabasse rapidamente, até as que se sentiam como meras profissionais executando seu trabalho, ou ainda as que desejavam gozar e fixar uma freguesia. O jogo em que a prostituta calcula as intenções e fantasias do homem e avalia as extorsões que pode realizar é trabalho [...] (RAGO, 2008, p. 263).

Deitar-se com pessoas estranhas não é uma atividade fácil, nem segura. Muitas situações colocam em xeque ideias pré-estabelecidas pela meretriz, especialmente quando o valor do encontro for aumentado por realizar uma determinada prática. Homens, mulheres, casais – variado é o público de um encontro com uma meretriz e cabe à prostituta decidir se quer ir em frente com o programa ou não. “Se eu fosse me deixar reger apenas pelo dinheiro, estaria muito bem financeiramente, mas provavelmente não teria os melhores clientes do mundo, já que tudo seria uma troca meramente financeira” (BENVENUTTI, 2014, p. 99). Ela prioriza, nesse sentido, a troca de experiência com os clientes, em detrimento da sua quantidade. Cada prostituta estabelece sua

relação com do valor do programa de acordo com seus objetivos com tal ganho, bem como com os limites estabelecidos na sua ocupação.

Ultrapassando a polarização vítima ou algoz de sua condição, entende-se que não cabe uma fixidez identitária da mulher por esta ser prostituta. A meretriz carrega, decerto, sua “parte” mulher, com seus anseios e seus percalços, sua “parte” profissional, sua “parte” mãe, religiosa, dona de casa, dentre outros papéis sociais, a depender do que a vida lhe acene.

Essas mulheres, como as vimos e ouvimos, antes de ser putas em oposição a ser esposas ou prostitutas, são tudo aquilo junto, instavelmente junto. Aprenderam, construíram ou ganharam essas potências todas em suas trajetórias. Há um poder importante na clara capacidade de alternar entre o silêncio fundo e o barulho constrangedor, entre a obediência das gueixas e o voluntarismo capitalista, entre a ignorância aterrada e a total esperteza, entre a vítima coitada, a predadora insaciável e todos os seus intermediários (OLIVAR, 2013, p.313-4).

Essas tantas “porções” de uma mesma pessoa não são imutáveis ao longo das vivências, mas, com o desenrolar de suas experiências, o indivíduo ressignifica a compreensão dos papéis que deve seguir. Logo, desconsiderar esses variados lugares sociais e culturais assumidos por quem trabalha na prostituição é uma forma de buscar equivocadamente uma unidade em suas múltiplas identidades.

Outro ponto importante ao tratar da escrita memorialística é a influência das editoras e do público na produção. O mesmo texto que permite a reflexão sobre si também age como uma espécie de veneno pela valorização de uma memória mercadológica. Da mesma maneira como o indivíduo biografado quer pensar sobre si, ele também quer ser visto; o que, de certa forma, pode interferir em sua escrita. Sendo assim, é comum, no texto em análise, a descrição de encontro com clientes pormenorizada em detrimento da escrita sobre si em outros espaços, ou até mesmo reflexões mais profundas sobre tais encontros, e é o que acontece em *O prazer é todo nosso* (BENVENUTTI, 2014).

Publicado pela MosArte, nome fantasia da editora Back, *O prazer é todo nosso*, de Lola Benvenuti, foi divulgado em 2014, pouco mais de um ano da fundação da editora. Ela visa abrir espaço para novos autores, tanto de textos ficcionais, quanto não ficcionais. Assim, interessados em publicar enviam aos editores seus manuscritos e em 90 dias recebem o retorno do aceite ou não. No verso do livro, em letras vermelhas, afirma-se que a escrita revela o “universo dos desejos, da sedução e do sexo”. Não se focaliza, portanto, em outras passagens da vida da autora, mas sim no circuito sexual vivenciado por Lola. Abaixo, já em letras brancas, reitera-se o perfil do público virtual: “todos que desejem gozar a Vida longe de tabus e preconceitos e querem ser livres para

descobrir seu corpo e suas inúmeras possibilidades de prazer”; aqueles “que aspiram a liberdade para o deleite no encontro dos corpos que se desejam”; aqueles “que têm curiosidades sexuais e querem viver intensamente o prazer [...]”. Pode-se compreender que a estratégia editorial aqui é instigar o leitor, a partir de um viés reducionista da vida da autora.

Com um tom professoral, a orelha do livro, de um lado, traz uma citação, na qual se inicia falando de como a vida sexual rotineira nega a sexualidade inata ao ser humano. Daí, discute-se sobre esta sexualidade, culminando na importância de se eximir preconceitos também neste quesito. Do outro lado da orelha, tem-se uma fotografia da autora segurando um livro na mão, deitada de bruços (com o foco no rosto e no colo), tatuagens no braço e dedo, um semblante quase angelical, contrastando com os outros elementos para-textuais. Abaixo, aponta que Lola, nome criado por Gabriela Natália da Silva para “se aventurar no universo das práticas sexuais”, reivindica o direito à liberdade sexual. Por fim, afirma o seu gosto pela leitura e seu histórico acadêmico na área de Letras na Universidade Federal de São Carlos; além disso, encerra pontuando que a autora escolheu ser prostituta porque gosta, contradizendo diversos discursos vitimizadores, muitas vezes, sobre a entrada no meretrício.

A autora divide o livro em duas partes: *Entre toques e suspiros*, que vai da página 17 a 160, na qual se propõe a falar de experiências com seus clientes; e a segunda parte intitulada *O reflexo no espelho*, que vai da página 163 a 189, a qual trata da trajetória pessoal, como afirma na sua apresentação. Claro que não se está qualificando sua escrita pelo número de páginas, contudo é inegável o enfoque dado em sua autobiografia. Sabe-se que o extremamente transcendente (KLINGER, 2006) é a entrada no meretrício, contudo, a intensidade de escrita sobre os casos sexuais supera a própria reflexão sobre tais situações.

Na primeira parte, de uma maneira geral, há a seguinte estruturação dos capítulos: apresentação do cliente, detalhamento do programa e uma “moral” de cada caso. São situações diversas, como por exemplo com clientes mulheres. Ela conta que, certa vez, uma mulher, Beatriz, ligara afirmando nunca ter gozado e queria que Lola a ensinasse. É óbvio que não se esperava outro desdobramento, senão a realização do desejo de sua cliente, regada a reflexões sobre o orgasmo feminino. Fala ainda de outras mulheres que atendeu, como Letícia e Miranda, destacando ser diferente o programa, sendo mais sedutor e delicado, do que com homens. Houve situações em que foi convidada para dar aula de sexo para um grupo de mulheres, e até mesmo já recebeu ligação de uma mulher pedindo que ela lhe ajudasse a reconquistar sexualmente seu marido, dando-lhe dicas.

Um cliente que se sobressai é o *cowboy*, rapaz que Lola ficara encantada antes da prostituição, e que marcou um programa com ela. Ele diz que não quer ser tratado como um cliente e toma as rédeas do programa: usa um *smoking*, faz *strip-tease*. Muitos relatos parecem fugir do estereótipo vitimizador da prostituição. “Em minha profissão, uma das exigências é a de não nutrir preconceitos ou fazer qualquer juízo de valor com relação à aparência física dos clientes [...] enfim, há uma infinidade de perfis” (BENVENUTTI, 2014, p. 59). Em seu texto, fica bem demarcado encontrar nos programas oportunidade de conhecer pessoas, poder ajudá-las, serem solidárias, para além da cama. Assim, ouvir e aconselhar passam a ser tarefas corriqueiras.

Uma situação que permitiu a reflexão de Lola quanto aos limites dentro do meretrício foi um convite que recebera para ir a uma casa de *swing*<sup>1</sup>. Após conhecê-la pelo seu *blog*, Fernando, um cliente, convida-a para participar de uma orgia, afirmando que ela deveria levar uns 30 preservativos. Negociaram um alto valor (não revelado no livro) e marcaram para a semana seguinte. O medo de ser aquela uma emboscada ou uma situação de risco toma conta da meretriz em situações como esta. Destaca-se três aspectos desta “festa”. Primeiro, o lugar do pagamento. Mesmo que Lola marque reiteradamente ser meretriz por prazer, ou por gostar de experiências novas e transgressoras, inicia o programa cobrando um valor, mais alto que o de costume, pré-estipulado. Outro ponto é a ocorrência de clientes que pagariam mais para praticar atos sexuais sem camisinha. Este fato é recorrente em quase todas as narrativas em estudo<sup>2</sup>. A prostituta, por sua vez, pode (e deve) negar. Por fim, destacam-se como os limites de atividades sexuais são renegociados com o tempo/experiências, como a dupla penetração relatada neste capítulo: “Nesta época eu ainda fazia este tipo de loucura, o que depois aprendi que deveria ser ultravalorizado e feito com todo o cuidado, pois o número de meninas que encara esse tipo de atendimento é mínimo” (BENVENUTTI, 2014, p. 135).

Os valores morais dicotômicos entram em choque nas múltiplas e complexas possibilidades de formas de viver. Na autobiografia em análise, é ratificado diversas vezes o desejo por uma liberdade sexual e pessoal diante de um mundo bipolar, o qual desconsidera a complexidade e subjetividade do ser humano no âmbito social.

---

<sup>1</sup> São espaços alugados ou clubes específicos, próprio para a troca de casais para realização sexual. Schommer (2008, p. 199) afirma que “os *swingers*, que se reúnem em clubes próprios, bastante numerosos por sinal, garantem que é só isto: gozar a vida. A realidade da coisa, porém, comporta outras facetas”. O autor afirma que, muitas vezes, o casal procura estes lugares por sentir prazer em ver seu parceiro com outra pessoa, há espaço para o *voyeurismo*.

<sup>2</sup> Paula Lee (2008) narra no capítulo “O cliente que chutei do terceiro andar” uma situação em que o cliente também oferece um pagamento maior para a realização sexual sem preservativo, bem como Gabriela Leite (1992; 2009) e Vanessa de Oliveira apontaram ter vivenciado situação semelhante.



Apesar de ter um *blog*, em que contava suas experiências na prostituição, Lola Benvenuti não havia revelado aos seus pais sobre sua escolha. Em sua autobiografia, de uma forma geral, há uma economia em falar da família. Os adjetivos que descreveram a reação ao descobrirem o ofício de Lola foram: decepcionada, triste, dilacerada. Segundo ela, o pai nunca a renegou, pediu apenas que ela não contasse mais nada sobre isso a ele, pois não pactuaria – para ela, esta foi uma atitude nobre. Já sua mãe se distanciou, insinuando que seu dinheiro era sujo. Pouco tempo depois, Lola deu uma entrevista para um jornal da cidade, fato que chamou a atenção de outras mídias, que a encheram de perguntas, revelando, não apenas para os outros parentes, mas para o mundo sobre sua ocupação.

Por fim, destaca-se que o mercado do prazer não se limita à prática efetiva do coito em troca do michê, tampouco se resume nas produções de filmes eróticos, os livros também fazem parte, ou ao menos bebem deste mercado. A sexualidade também se torna mote da escrita de si pública. Sabe-se que se aumentou, com o tempo, o interesse na questão dos prazeres (FOUCAULT, 2012). A sexualidade, que fazia (e ainda faz) parte de um interdito discursivo (não se pode falar tudo em todo lugar), tornou-se mais permissiva em outras instâncias além do discurso educativo e médico.

Contudo, ao compreender que o mercado do prazer não se limita à prática efetiva do coito em troca financeira, tampouco se resume nas produções de filmes adultos, os livros (romances e/ou autobiográficos) também fazem parte, ou ao menos, bebem deste mercado. Sobre essa consciência da relação afetada da sociedade com a (sua) sexualidade, Lola Benvenuti afirma:

Você sabe tão bem quanto eu que cada pessoa tem uma relação muito particular com sua própria sexualidade. Isso porque cada um de nós, a partir de sua individualidade, está mergulhado em realidades muito diferentes que podem ser mais tradicionais ou liberais. Vivemos em uma sociedade conservadora, onde o machismo está enraizado em nossa cultura e, embora nem sempre tenhamos consciência, nossas ações são pautadas nesses valores e, por vezes, acabam moldando nosso comportamento. Por isso o papel atribuído ao homem e à mulher na sociedade e o tema da sexualidade são questões que precisam ser repensadas e, mesmo, desconstruídas para que o indivíduo possa encontrar-se e se aceitar melhor (BENVENUTTI, 2014, p. 165).

Assim, aliando a importância dada à temática da sexualidade ao interesse na subjetividade autoral, surge uma proliferação de narrativas em primeira pessoa de cunho biográfico, em especial a escrita da margem, de pessoas ou grupos por muito tempo silenciados da História e também da literatura. A narrativa do(a) subversor(a) tornou-se atrativa, instigante e, por vezes, cativante, deslocando a posição do sujeito a partir do conhecimento do seu ponto de vista sobre suas vivências. Esse público que consome memórias de indivíduos da margem alimenta, por sua vez, um

mercado editorial por muito tempo cansado de narrativas do vencedor, ou textos que trazem a visão tradicional e padronizada.

## REFERÊNCIAS

BENVENUTTI, Lola. *O prazer é todo nosso*. Araraquara: Mosart, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e memória*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 18 ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: vontade de saber*. 18 ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. Tese de doutorado em Letras. Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

OLIVAR, José Miguel. *Devir puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite - a prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROSTAGNOL, Susana. Regulamentação: controle social ou dignidade do/ no trabalho? In: FÁBREGAS-MARTÍNEZ; BENEDETTI, Marcos Renato (Org.). *Na Batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa; Palmarica, 2000.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.